

# Grécia e Roma no universo de Augusto

Ana Maria César Pompeu  
Francisco Edi de Oliveira Sousa  
(Orgs.)

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

# AS MULHERES DEIXADAS PARA TRÁS NA *ENEIDA* DE VIRGÍLIO (The Women Left behind in Virgil's *Aeneid*)

NATÁLIA VASCONCELOS RODRIGUES<sup>173</sup> (vasconcelosnati@gmail.com)  
Universidade Federal do Ceará

RESUMO – O presente trabalho tem como objetivo analisar na *Eneida* cinco representações do feminino que se assemelham pelo aspecto do abandono em suas trajetórias: *Creúsa, Andrômaca, Dido, as mulheres e mães troianas e a mãe de Eurialo*. Podemos observar diferentes motivos pelos quais essas personagens foram deixadas para trás, como também relações distintas entre essas mulheres e aqueles que as deixaram. Em cada uma das narrativas, a figura masculina segue um caminho no qual esposa, amante, mãe e mulheres não têm espaço. Os objetivos pátrios são a prioridade. O contexto socio-político, em que nasce a *Eneida*, momento crítico entre a República e o Império, é relevante para analisarmos quais perfis femininos Virgílio trabalha em sua obra e quais possíveis intenções existem por trás de cada episódio de abandono protagonizado por essas personagens. Para tanto, tentaremos retomar a reforma moral empreendida por Augusto naquilo que diz respeito ao nosso objeto de estudo.

PALAVRAS-CHAVE – Virgílio, *Eneida*, representação do feminino, abandono.

ABSTRACT – This paper analyzes five female representations in Virgil's *Aeneid* which are similar in the way they were abandoned in their trajectories: *Creusa, Andromache, Dido, Trojan women and mothers and Euryalus' mother*. We can observe different reasons why these characters were left behind, as well as, different relationships between these women and those male characters who have left them. In each of the narratives, the male figure follows a path in which wife, lover, mother and woman have no place. Patriotic goals are their priority. The socio-political context, especially the critical moment of the transition between Republic and Empire in which the *Aeneid* is born, is relevant to analyze which female profiles Virgil is dealing with in his work and what intentions are behind each episode of abandonment lived by these characters. Therefore, attempts will be made to approach the moral reform undertaken by Augustus, highlighting aspects that concern our object of study.

KEYWORDS – Virgil, *Aeneid*, female representation, abandonment.

## INTRODUÇÃO

Neste artigo, pretende-se tratar acerca do tema do abandono na *Eneida*, especificamente em relação a mulheres que interferiram direta ou indiretamente

---

<sup>173</sup> Natália Vasconcelos Rodrigues holds a Master's degree in Comparative Literature from the Federal University of Ceará (UFC) – Comparative Studies in Classics. Her research dealt with the character Dido in two Latin works, Virgil's *Aeneid* and Ovid's *Heroides*.

no curso da missão épica traçada na narrativa de Virgílio: no canto 2, Creúsa, esposa de Eneias, deixada para trás na fuga de Troia; no canto 3, Andrômaca, uma das sobreviventes de Troia, única de sua família deixada no mundo dos vivos; no canto 4, Dido, rainha de Cartago, arrebatada por um amor desmedido por Eneias, abandonada pelo dardânio que segue sua missão; no canto 5, as mulheres e mães troianas, retiradas juntamente com os velhos da tripulação que segue o caminho para a nova Troia; e, no canto 9, a mãe do jovem Euríalo, vertida em lágrimas pela morte e abandono do filho.

Para aprofundar esse estudo, deve-se questionar quais intenções e simbologias existem por trás da caracterização dessas mulheres apresentadas por Virgílio no decorrer de seus cantos. Para Sahad (2011: 457), o autor da *Eneida* “preocupava-se com a caracterização das personagens femininas que aparecessem ao longo dos cantos, na medida em que estivessem associadas ou não às mulheres romanas ou ao devir deste povo”. Recorda-se, então, o papel político dessa obra. A esse respeito, Albrecht (1999: 9) afirma:

“A *Eneida* de Virgílio apareceu no momento crítico entre a República e o Império, as guerras civis e a paz de Augusto. Respondendo ao desafio de grandes acontecimentos históricos, cada um destes poemas épicos propôs uma nova visão de homem, sociedade e natureza.”

Na antiguidade, a sociedade romana era caracterizada pela centralidade do *pater familias*, neste quadro, as mulheres estavam sempre submetidas a algum homem: ao marido, quando casada, a algum parente, quando solteira e ao próprio filho, em alguns casos de viuvez. Nos tempos do principado, há uma quebra do poder patriarcal, por causas como a dispersão familiar devido ao comércio e às guerras exteriores e o desenvolvimento do Estado, que passa a legislar sobre assuntos antes considerados de responsabilidade do *pater familias*. Na transição de República para Império, em que viveu Virgílio, destaca-se um processo contínuo de transformações de um tempo em que vigorava a *patria potestas* a um em que as mulheres gozam de maior independência, como a administração do dote; a dedicação a ocupações antes exclusivas do homem, como a escrita e o esporte; o direito ao divórcio.<sup>174</sup>

A política de reformas morais empreendida por Augusto pretendia restaurar os “valores” que se garantia terem sido os dos romanos de outrora<sup>175</sup>. Em seu principado, Augusto cria leis direcionadas ao casamento e ao papel da mulher nessa instituição, a fim de restaurar a estrutura familiar; leis que determinam a idade de casar e que dão privilégios pelo nascimento de filhos (*lex Iulia de maritandis ordinibus* e *lex Papia Poppaea*) e a promulgação de uma lei que torna o adultério

---

<sup>174</sup> Sahad 2011: 449.

<sup>175</sup> Grimal 2008: 86.

um crime público (*lex Iulia de adulteriis coercendis*)<sup>176</sup>. Percebe-se um protótipo de mulher ideal dentro dos princípios augustanos.

A partir desse contexto sociopolítico em que nasce a *Eneida*, pretende-se analisar o percurso das mulheres em estudo, a fim de relacionar as causas pelas quais elas foram deixadas aos princípios que fundamentam a obra de Virgílio.

## CREÚSA

Na *Eneida*, depois que os troianos aportam em Cartago e são acolhidos por Dido, a pedido da rainha, Eneias narra a destruição de Troia e as peregrinações que antecederam a chegada às terras púnicas (1. 753-756). No canto 2, quando Eneias relembra a fuga de Troia, o leitor conhece Creúsa, a primeira esposa do herói. No fim da guerra, Troia está tomada pelo fogo, e Eneias tenta salvar-se junto aos seus. Anquises é convencido pelos presságios divinos da missão de sua *gens* e segue em fuga às costas do filho. Nas palavras que Eneias dirige a Ascânio e Creúsa, chama a atenção o lugar que é determinado à esposa no momento da retirada (2. 710-711):

[...] mihi paruus Iulus sit comes,  
et longe seruet uestigia coniunx.

[...] que o pequeno Iulo me acompanhe e que minha esposa siga meus passos, de longe.<sup>177</sup>

Na narrativa, Eneias repete a posição da esposa: “atrás caminha minha esposa” (2. 725: *Pone subit coniunx*). Segundo Pereira (2012: 6), Creúsa “representa o passado e o passado tem de ficar para trás, tem de morrer, porque o herói troiano segue em busca de uma cidade e de uma vida novas”. Eneias atende apropriadamente seu pai, filho e *penates* quando eles fogem da cidade, mas Creúsa, deixada para trás, desaparece<sup>178</sup>. Eneias lamenta o destino da mãe de Ascânio e põe-se a procurar a esposa, por fim percorre as ruas gritando pelo nome de Creúsa. Nesse momento, ela se apresenta ao marido como uma sombra, um simulacro maior que o normal. Então, ela anuncia o devir do herói troiano (2. 777-784):

[...] non haec sine numine diuum  
eueniunt; nec te comitem hinc portare Creusam  
fas aut ille sinit superi regnator Olympi.  
longa tibi exilia, et uastum maris aequor arandum;

---

<sup>176</sup> Sahad 2011: 454.

<sup>177</sup> Todas as traduções da *Eneida* são da versão em prosa de Tassilo Orpheu Spalding (Virgílio 1992).

<sup>178</sup> Burke 2011: 28.

et terram Hesperiam uenies, ubi Lydius arua  
inter opima uirum leni fluit agmine Thybris.  
illic res laetae regnumque et regia coniunx  
parta tibi.

[...] estes acontecimentos não sucedem sem a vontade dos deuses: e eles não permitem que conduzas Creúsa como companheira: aquele que reina sobre o alto Olimpo o proíbe. Longo exílio te espera e te será necessário sulcar a vasta planície líquida do mar, e chegarás à terra da Hespéria, onde o rio lídio por entre messes opimas, corre com águas tranquilas o Tibre; Lá te estão reservados uma fortuna florescente, um reino e uma esposa real.

Creúsa é o que Eneias precisa rejeitar para cumprir o seu desígnio, ela é sacrificada para abrir caminho para o casamento que vai gerar os romanos, mesclando troianos e latinos<sup>179</sup>. A relevância dessa personagem está no fato de ela aceitar o próprio destino e não se opor à missão de Eneias. Creúsa e Troia se perdem juntas para que o herói possa dar início a sua jornada, desse modo ela defende os valores romanos, pois define o caminho dessa *gens*. A voz de Creúsa aparece equiparada à voz do Estado e, como tal, defende o esquecimento como um meio de dissolver luto de Eneias. Ela não sugere que o troiano a esqueça completamente; a memória dela permanecerá por meio do amor de Eneias por Ascânio (2. 789). Creúsa propõe, assim, uma espécie de memória seletiva, que permite a Eneias tanto uma ligação com o passado como a necessidade de olhar para o futuro<sup>180</sup>.

### ANDRÔMACA

Na sequência das narrativas, no canto 3, Andrômaca aparece na *Eneida* nos relatos de Eneias sobre a chegada ao reino de Heleno, filho de Príamo. A primeira imagem descrita pelo troiano é da figura de Andrômaca oferecendo libações às cinzas de seu marido, Heitor (3. 300-305):

progredior portu classes et litora linquens,  
sollemnis cum forte dapes et tristia dona  
ante urbem in luco falsi Simoentis ad undam  
libabat cineri Andromache manisque uocabat  
Hectoreum ad tumulum, uiridi quem caespate inanem  
et geminas, causam lacrimis, sacrauerat aras.

---

<sup>179</sup> Burke 2011: 31.

<sup>180</sup> Panoussi 2009: 158.

Afasto-me do porto, abandonando minha flotilha na margem. Nesse momento, por acaso, num bosque sagrado à entrada da cidade, nas bordas de um falso Símois, Andrômaca oferecia às cinzas de Heitor um solene sacrifício e libações funéreas; invoca os Manes perto dum túmulo vazio, formado de verde relva, e tinha dedicado dois altares - causa para as suas lágrimas - a seu antigo esposo.

O encontro de Eneias com a esposa de Heitor faz com que ele restabeleça os vínculos com Troia. Andrômaca e Eneias estão fisicamente distantes de Troia, mas emocionalmente continuam ligados a ela. Porém, diferentemente de Eneias, Andrômaca é incapaz de mover-se para frente<sup>181</sup>. Na sua condição de mulher, tendo perdido Heitor, seu marido, Astíanax, seu filho e Troia, sua pátria, ela encontra-se sem uma identidade. O epíteto de esposa de Heitor foi o que lhe restou.

Ainda que esteja casada com Heleno, também troiano, não há indícios no texto de que exista algum vínculo afetivo entre eles. Andrômaca, mais de seis anos depois da morte do seu primeiro marido, uns seis depois da morte de seu filho e já tendo se casado duas vezes, segue vinculada àqueles com lágrimas e oferendas fúnebres, familiarizada mais com os mortos do que com os vivos<sup>182</sup>. Os ritos funerários de Andrômaca para o marido e o filho expressam sua escolha de viver no mundo de seus entes queridos mortos. Andrômaca claramente não sofreu o processo de reintegração social após a morte dos seus, mantendo-se em um luto perpétuo, ela deseja se unir com seus mortos, no entanto, ainda faz parte do mundo dos vivos<sup>183</sup>.

Andrômaca torna-se um modelo de fidelidade extrema, destinada a guardar o luto do marido. Enquanto Eneias, o líder troiano, segue adiante, afastando-se do lugar do passado e buscando novas conquistas.

## DIDO

Após as narrativas de Eneias, seus traços e suas palavras permanecem fixados no coração da rainha de Cartago, que é dominada por um violento Amor pelo troiano (4. 4-5). No canto 4, desenvolve-se o episódio amoroso de Dido e Eneias, chegando às extremas consequências: a morte da fénícia.

Assim como Andrômaca, Dido ficou viúva e foi deslocada de sua pátria, porém a rainha de Cartago, diferentemente da esposa de Heitor, não se limitou ao luto, ela seguiu adiante e, pelas circunstâncias do seu devir, tornou-se chefe de Estado; com o assassinato de Siqueu, esposo de Dido, a fénícia transitou de viúva resignada a monarca. Dido manteve-se fiel ao marido morto, não se entregando

---

<sup>181</sup> Burke 2011: 15.

<sup>182</sup> López 1998: 89.

<sup>183</sup> Panoussi 2009: 147.

a nenhum outro homem, desde então. Porém, essa condição de viúva casta muda com a chegada de Eneias.

Para Pinheiro (2010: 19), a história do exílio forçado de Dido apresenta semelhanças com o passado de Eneias: “ambos se viram coagidos a abandonar a pátria, ambos assumiram o estatuto de líder por força das circunstâncias, ambos perderam entes queridos, um e outro viajaram pelo mar em busca de refúgio”. Dido funda uma cidade em terras estrangeiras, o que para Eneias ainda é um plano. O fato de Dido se encontrar em pleno trabalho de fundação cria em Eneias a admiração por aquela mulher que parece a materialização do seu próprio destino.

O cenário propício para o romance entre a fenícia e o troiano não é suficiente, Vênus pede ao Cupido que abraze o coração de Dido e a prenda num grande amor pelo dardânio, a fim de mantê-lo seguro em Cartago. Juno, percebendo a vitória de Vênus com seu estratagema, propõe à mãe de Eneias a paz eterna entre as duas por meio do himeneu de Dido e Eneias, tendo Cartago, assim, o governo das duas divindades. Então, um encontro é forjado por Juno (4. 1245-127):

speluncam Dido dux et Troianus eandem  
deuenient. adero et, tua si mihi certa uoluntas,  
[conubio iungam stabili propriamque dicabo]  
hic hymenaeus erit.

Dido e o chefe troiano se refugiarão na mesma gruta, lá estarei presente, e, se a tua vontade for firme, ligarei ambos por nó durável e farei que ela lhe pertença. Então, será o casamento.

É importante chamar atenção para esse episódio, pois, a partir do momento em que Dido e Eneias consumam o amor, vitimados pela artimanha divina, percebe-se uma mudança na postura da rainha de Cartago. Ao unir-se a Eneias, Dido parece ter regressado a sua condição anterior de esposa, esquecendo o seu estatuto de rainha. Assim, a fenícia atravessa paradigmas da condição feminina: de esposa a rainha, infortunada pela morte de Siqueu, e de rainha a esposa, manipulada pelas forças do Amor<sup>184</sup>.

Dido chama a relação que existiu após o episódio na caverna de *coniugium*, expressando sua aspiração de que essa união seja reciprocamente aceita e legítima<sup>185</sup>. Eneias encarregar-se-á de esclarecer os objetivos designados pelos deuses, negando a união desejada por Dido e seguindo viagem para a Itália.

---

<sup>184</sup> Pinheiro 2010: 38

<sup>185</sup> Álvarez 1995: 103.

Nesse momento da narrativa, desenvolve-se o fim trágico da personagem Dido. Ao saber da fuga de Eneias, ela não aceita ser deixada para trás e questiona a traição do herói troiano (4. 305-308):

dissimulare etiam sperasti, perfide, tantum  
posse nefas tacitusque mea decedere terra?  
nec te noster amor nec te data dextera quondam  
nec moritura tenet crudeli funere Dido?

Esperaste, pois, pérfido, poder dissimular tão grande crime e abandonar minha terra sem me dizer palavra? Nem nosso amor, nem esta mão que outrora te foi dada, nem Dido prestes a morrer com cruel trespasses te puderam reter?

Quando Dido deixa de lado as preocupações do seu reino e se porta como uma mulher apaixonada (4. 86-89), Cartago muda de aliada para inimiga. Dido passa a ser construída como o inverso de Eneias: Oriente *versus* Roma; mulher *versus* homem; *furor versus* civilização<sup>186</sup>. Dido coloca suas preocupações pessoais no lugar de suas responsabilidades cívicas; enquanto, de forma contrária, Eneias renuncia uma satisfação pessoal, levado por sua *pietas*, cumprindo a obrigação moral e nacional que lhe foi conferida<sup>187</sup>.

Diferentemente de Creúsa, que aceita e define a missão de Eneias, ainda que seja a causa pela qual ela é deixada para trás, Dido se opõe à empreitada designada pelos deuses. Mais uma vez, Eneias deve abandonar a figura do feminino, em favor de um propósito coletivo: a fundação da nova Troia.

Para Massey (1988: 102-3), acerca das intenções de Virgílio ao apresentar o drama de Dido em sua obra, pode-se subentender o olhar da época para os comportamentos femininos:

“É difícil entender todos os aspectos deste episódio no poema, mas Virgílio parece utilizar o enredo para mostrar aos romanos que não devem ser tentados a abandonar o seu país por uma mulher, especialmente por uma mulher estrangeira, ou que não devem permitir que tal relação interfira na gestão do Estado. Mais uma vez a mulher é mostrada como a tentadora, que causará a queda do homem. Dido é apresentada como violenta, emotiva e irracional; comporta-se de forma imprevisível e acaba por se destruir. A mensagem é bem clara para as mulheres romanas: Dido é tudo aquilo que elas nunca se devem permitir ser. Já se viu a espécie de esposa e mãe que os homens romanos esperavam.”

---

<sup>186</sup> Burke 2011: 10.

<sup>187</sup> Álvarez 1995: 104.



## AS MÃES E MULHERES TROIANAS

No canto 5, após um ano da morte de Anquises, os troianos celebram os jogos fúnebres em honra do pai de Eneias. Enquanto esses participam de toda espécie de jogos, Juno observa o porto deserto e a frota abandonada. Na praia, as troianas choram a morte de Anquises e lamentam as muitas águas que ainda devem atravessar (5. 615-616):

[...] heu tot uada fessis  
et tantum superesse maris, uox omnibus una;

“Ai de nós! Fatigadas como estamos, resta-nos ainda tantos escolhos e tanta água para atravessar!” Todas têm as mesmas palavras na boca.

Juno se aproveita da fragilidade emocional dessas mulheres e, na forma de Béroé, velha esposa do tmaro Dóriclos, proclama as desgraças que as afligem na busca de uma nova Troia e as convida a queimar os barcos, convencendo-as de um sonho que tivera com a profetisa Cassandra, dizendo que ali elas devem permanecer. Juno é reconhecida, mas o incêndio provocado por ela já consome as quilhas.

Eneias se desespera, clama pelos deuses e questiona em seu coração se deve seguir ou não o seu desígnio. Então o conselho do velho Nauta, que se confirma pelas palavras proferidas pela sombra de Anquises, traz a solução para o impasse de Eneias (5. 715-718):

longaeuosque senes ac fessas aequore matres  
et quidquid tecum inualidum metuensque pericli est  
delige, et his habeant terris sine moenia fessi:  
urbem appellabunt permissio nomine Acestam.

Escolhe os velhos acabrunhados pela longa idade, e as mulheres fatigadas do mar, e tudo aquilo que ao teu redor é sem forças e teme perigo. Deixa-os, pois que estão fatigados, erguer muralhas nesta terra; com a tua permissão, chamarão a cidade de Acesta.

O canto 5 da *Eneida* mostra a incapacidade e a recusa das mulheres de espocar os valores celebrados pelos homens durante os ritos funerários de Anquises. Longe de compartilharem os mesmos sentimentos de alegria dos jogos, como os homens, as mulheres parecem não superar a dor e a tristeza do passado e de se encaminhar para uma nova pátria. Essa incapacidade está intimamente ligada à exclusão delas dos ritos realizados pelos homens. O papel ritual das mulheres, em luto, privilegia sua relação com o morto, o que dá origem ao sentimento de raiva pelas perdas que incorreram<sup>188</sup>.

---

<sup>188</sup> Panoussi 2009: 168.

Eneias deixa para trás aquilo que é sem força e teme seguir adiante. Percebe-se que as mulheres são postas em um mesmo nível de impotência que os velhos; observa-se também que a missão de *Eneias* e as batalhas que virão começam a se definir nas palavras professadas pela sombra de Anquises (5. 729-731):

lectos iuuenes, fortissima corda,  
defer in Italiam. gens dura atque aspera cultu  
debellanda tibi Latio est

“transporta para a Itália jovens escolhidos, os mais valentes corações. É uma raça dura e de costumes selvagens que terás de vencer no Lácio”.

No canto 6, nos *Infernos*, Anquises dará ao filho conhecimento do trajeto que o herói deve seguir e das guerras que terá que sustentar. Ou seja, não há lugar para as mães e mulheres troianas no ambiente marcial do dever dos troianos, podemos interpretar a medida do clemente Eneias como uma solução para privá-las de mais sofrimentos.

### A MÃE DE EURÍALO

O Canto 9 é memorado pelo episódio de Niso e Euríalo. Niso, impelido a tentar uma grande empresa, tem a ideia de atravessar o campo inimigo e avisar a Eneias dos perigos que aguardam os troianos; Euríalo, possuído pelo grande amor da glória, concorda em acompanhar Niso. Antes de partir, Euríalo recomenda sua mãe a Ascânio (9. 290-292):

at tu, oro, solare inopem et succurre relictæ.  
hanc sine me spem ferre tui, audentior ibo  
in casus omnis.

Mas tu, conjuro-te, consola-a na sua aflição e socorre-a no seu abandono. Permite que leve de ti essa segurança: serei mais animoso em todos os perigos.

O filho de Eneias promete assumir a mãe do jovem como se fosse a sua (9. 296-297):

sponde digna tuis ingentibus omnia coeptis;  
namque erit ista mihi genetrix nomenque Creusæ

Prometo tudo o que seja digno de tuas grandes façanhas: tua mãe será a minha e somente lhe faltará o nome de Creúsa.

A atitude de Ascânio em relação à mãe de Euríalo demonstra o caráter pio do filho de Eneias; em contrapartida a atitude de Euríalo, deixando a mãe sem

se despedir e sem conscientizá-la dos perigos que está por passar, por medo de sua reação de lamento, ainda que aparente piedade, trata-se de uma fuga das obrigações familiares<sup>189</sup>.

A notícia da morte de Euríalo, após o fracasso da façanha tramada por Niso, é levada pela Fama aos ouvidos da mãe do jovem. Infeliz, ela inicia um discurso de lamentações (9. 481-484):

hunc ego te, Euryale, aspicio? tune ille senectae  
sera meae requies, potuisti linquere solam,  
crudelis? nec te sub tanta pericula missum  
adfari extremum miserae data copia matri?

É neste estado que te vejo, Euríalo? tu, tardio apoio da minha velhice, pudeste tu, cruel, me deixar sozinha? Quando te dirigiste para tão grandes perigos não permitiste à tua infeliz mãe dizer-te o último adeus!

Para Pavlock (1985: 219), Virgílio se utiliza do discurso da Mãe de Euríalo para fazer uma crítica a *pietas*. Os desejos de glória do jovem, aparente responsabilidade cívica, subestimaram as suas responsabilidades enquanto filho.

A mãe de Euríalo é deixada pelo filho, mas Ascânio já anuncia que dará a essa o lugar de Creúsa, sua falecida mãe. É interessante notar que a mãe de Euríalo ocupará o papel de uma mulher que outrora também fora abandonada. Ascânio nada pôde fazer por sua mãe, pois, ainda era uma criança, não tinha responsabilidades familiares. Pode-se levantar a hipótese de que, assumindo cuidar de uma mãe que perdeu um filho, Ascânio tenha a possibilidade de também ele cumprir o seu papel social de filho.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise feita neste artigo deixa claro o cuidado que Virgílio teve para compor suas personagens femininas. O desfecho das narrativas tem em comum o abandono, a decisão de um marido, amante, cidadão, filho, que implica a completa mudança da vida de mulheres, que encontram na representação masculina o *status*, a proteção, a identidade. Não podemos conceber as mulheres como figuras secundárias no plano épico da *Eneida*, pois em cada episódio analisado elas são fundamentais para o anúncio dos princípios de Augusto. Deixar para trás essas mulheres explicita a opção por valores coletivos, que evidencia o tom patriótico da *Eneida*. Percebe-se também, na relação homem e mulher destacada por Virgílio, a tentativa de retomar a *patria potestas*, em que o homem assume um papel de autoridade em relação ao feminino. Pode-se dizer que Virgílio expõe com essas personagens modelos, mediante os quais a moral augustana pode ser promovida.

---

<sup>189</sup> Pavlock 1985: 219.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Albrecht, M. (1999), “Roman Epic: an interpretative introduction”. Leiden-Boston-Köln. *Minemosyne*, Supplementum CLXXXIX.
- Álvarez, D. (1995), “Dido: Historia de un abandono”, *Cuadernos de Filología Clásica. Estudios latinos* 8: 90-110.
- Burke, R. C. (2011), “*Dux femina facti*”: *Gender and Ethnicity in the Aeneid*. Honors Thesis. Emory University.
- Grimal, P. (1991), *O amor em Roma*. São Paulo.
- \_\_\_\_\_ (1993), *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*. Rio de Janeiro.
- \_\_\_\_\_ (2008), *O século de Augusto*. Lisboa.
- López, V. (1998), “Héleno y Andrómaca en la Eneida (III 289-507): prospección y retrospección”, *Cuadernos de Filología Clásica. Estudios Latinos* 14: 84-91.
- Massey, M. (1988), *As mulheres na Grécia e Roma Antigas*. Lisboa.
- Panoussi, V. (2009), *Greek Tragedy in Vergil’s “Aeneid”: Ritual, Empire, and Intertext*. New York.
- Paratore, E. (1987), *História da Literatura Latina*. Lisboa.
- Pavlock, B. (1985), “Epic and Tragedy in Vergil’s Nisus and Euryalus episode”, *TAPA* 115: 207-24.
- Pereira, V. (2012), *Para o bem de Roma: Creúsa e Lavínia na Eneida*. Conferência. Braga: Universidade do Minho.
- Pinheiro, C. (2010), *O percurso de Dido, rainha de Cartago, na Literatura Latina*. Coimbra.
- Robert, J. (1995), *Os Prazeres em Roma*. São Paulo.
- Sahad, F. (2011), “As mulheres de Virgílio: a representação do feminino na *Eneida*”, *Caderno Espaço Feminino* 24: 447-466.
- Virgílio (1992), *Eneida*. Trad. Tassilo Orpheu SPALDING. São Paulo.
- Virgilius (2011), *Aeneis*. Recensuit atque apparatus critico instruxit Gian Biagio CONTE. Berlin.